

DA HISTÓRIA DECOREBA À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

*Profa. Ms. Raphaela Cândido Lacerda**
*Lara França da Rocha***

Resumo

Objetiva provocar uma reflexão sobre a necessidade de se superar a concepção que compreende o ensino de História como atividade que se resume e justifica pela repetição de informações sobre um passado morto e imutável. Partindo de uma síntese das principais correntes que norteiam a formação de professores, busca-se compreender o que está nas entrelinhas dos discursos que difundem propositamente um esvaziamento de sentido de uma disciplina indispensável para que o sujeito desenvolva o seu sentimento de pertença ao seu tempo e ao seu espaço e reconheça a sua força como agente a quem cabe decidir os movimentos de ruptura e continuidade da história da qual faz parte. A última parte do texto sugere procedimentos que buscam facilitar a construção do conhecimento histórico nos alunos, ainda na Educação Básica, por se compreender que é nessa fase que o professor encontra um campo onde pode semear ideias, desejoso de colher uma sociedade mais conhecedora de si.

Palavras-chave

Ensino. História. Construção de conhecimento.

Abstract

This article aims to provoke reflection on the need to overcome the design comprising the teaching of history as an activity that comes down and is justified by the repetition of information about a dead and unchanging past. Starting with an overview of the main currents that guide the training of teachers, try to understand what is between the lines of speeches purposely spread a sense emptying a discipline that is essential for the individual to develop their sense of belonging to their time and their space and recognize their strength as an agent who must decide the movements of rupture and continuity in the history of which it is part. The last section suggests procedures that seek to facilitate the construction of historical knowledge in students, even in basic education, because they understand that it is at this stage that the teacher is a field where you sow ideas, eager to reap a more knowledgeable society itself.

Keywords

Teaching. History. Construction of knowledge.

1 Introdução

“Mas história é uma matéria decorativa”!

Quantas vezes os professores de História tiveram que rebater essa afirmação dita por grande parte dos alunos e dos pais, questionando a importância da disciplina em relação às áreas das Ciências da Natureza, da Matemática e de Linguagens e Códigos. Esta defesa se torna difícil por exigir que se rompa com um ranço deixado ao longo dos anos pelas políticas educacionais que reduziram o conhecimento histórico à capacidade de lembrar e repetir nomes e datas.

Num contexto geral, o nosso País mudou nos últimos 30 anos, e se transforma, o que sugere uma mudança, mesmo que lenta, nas diretrizes educacionais, e, se lemos hoje nos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos Referenciais Curriculares e na Lei de Diretrizes e Bases que Educação é para a vida, que sua função é formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel, que lugar ocupa a História nesse contexto? Como o ensino de História pode ser útil a tais propósitos?

2 História e Ensino: para que ensinar História?

O ensino de História possibilita ampliar estudos sobre as questões da contemporaneidade, situando-as nas diversas temporalidades, servindo de fundamento para pensar e repensar possibilidades de mudanças e necessidades de continuidade.

À medida que novos paradigmas científicos põem em xeque antigas concepções, a História pode possibilitar o entendimento do momento em que se vive. Para tanto, os currículos devem aproximar a História ensinada e a produção acadêmica, promovendo um debate historiográfico que produza abordagens diversas sobre temas antigos e introduza novos assuntos que surjam como resultado da pluralidade que marca os fundamentos teórico-metodológicos da atualidade. Vê-se a busca dessa aproximação em textos que tratam das políticas educacionais como o que segue:

A História social e cultural tem se imposto de maneira a rearticular a história econômica e a política, possibilitando o surgimento de vozes, de grupos e de classes sociais silenciados. Mulheres, crianças, grupos étnicos diversos têm sido objeto de estudos que redimensionam a compreensão do cotidiano em suas esferas privadas e políticas, a ação e o papel dos indivíduos, rearticulando a subjetividade ao fato de serem produto de determinado tempo histórico no qual as conjunturas e as estruturas estão presentes. A produção historiográfica, no momento, busca estabelecer

diálogos com o seu tempo, reafirmando o adágio que ‘toda história é filha do seu tempo’ mas sem ignorar ser fruto de muitas tradições de pensamento.¹

O ensino de História deve objetivar o desenvolvimento de competências e de habilidades específicas e imprescindíveis para a formação de um ser humano ciente de si e do seu papel no mundo que ajuda a formar.

Segundo os *Referenciais Curriculares Básicos*, o ensino de História deve pretender: estabelecer a identidade social e individual; constituir a identidade com as gerações passadas; apreender o tempo histórico como formulação cultural; apreender o tempo histórico como duração; discernir os limites e as possibilidades de atuação na permanência ou na transformação; apreender o papel da pessoa como sujeito e produto histórico; reconhecer fontes documentais de natureza diversa; localizar os momentos históricos em sua sucessão e em sua simultaneidade, e como duração; identificar os distintos ritmos, de duração temporais, ou as várias temporalidades (acontecimentos breves, conjunturais e estruturais); estabelecer as relações entre permanências e transformações no processo histórico; extrair informações das diversas fontes documentais e interpretá-las; comparar problemáticas atuais e de outros tempos; redimensionar o presente em processos contínuos, e nas relações que mantém com o passado; identificar momentos de ruptura ou de irreversibilidade no processo histórico.

Depois de uma década da divulgação deste documento, o que já se percebeu de concreto no ensino-aprendizagem dessa disciplina? Será que avançamos ou nossa perspectiva histórica continua presa a concepções que norteavam outro tempo e outro mundo?

2.1 Como a História é ensinada: as concepções dessa disciplina

O conteúdo e a metodologia de ensino são mediados por uma concepção de História que reflete certa visão de sociedade, de homem e do próprio processo de conhecimento. É necessário compreender o contexto em que se dá a formação do professor, sabendo que esta formação é determinada pela orientação das políticas educacionais, que, por sua vez, são frutos das determinações da realidade econômica, social e política na qual estão inseridas.

¹ BRASIL, MEC. *Parâmetros em Ação*. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002. p. 14.

Para a compreensão da realidade do ensino de História, colocam-se como importantes, tanto a formação teórica (concepção de História) desse professor – que é mediadora da sua prática pedagógica- como a relação dessa formação com as determinações históricas, permitindo focalizar a educação no contexto da formação social capitalista brasileira.²

A falta de uma fundamentação teórica impede o professor de compreender os eixos básicos que norteiam a sua prática e de defender com clareza o seu papel no processo de ensino–aprendizagem. Devemos buscar a coerência teórica na seleção e tratamento dos conteúdos, pois, sem a clareza da concepção, corremos o risco de misturar elementos diferentes e até contraditórios de variadas concepções de História. O conhecimento dos conteúdos os quais o professor objetiva ensinar é de fundamental importância; mas não só isso. A clareza da concepção teórica que norteará sua prática, os recortes utilizados pelos autores dos livros por ele adotado como referência e o conhecimento do que norteia a produção de conhecimento na sua disciplina, com todas as suas problemáticas e especificidades, também se exprimem como indispensáveis, uma vez que podem evitar contradições entre o que ele diz fazer e o que realmente faz em sala de aula, como, por exemplo, propor atividades baseadas no materialismo histórico, utilizando um método de procedimento positivista.

Destacamos a seguir alguns aspectos que conferem uma noção das principais concepções de História que nortearam e ainda o fazem a fundamentação teórica na formação de professores de História.

Concepção Positivista da História

Tendo a Física Clássica³ como parâmetro, essa corrente de pensamento que se desenvolveu no século XIX, compreende que a História é estruturada em fatos já postos, os quais podem ser descobertos, estudados e comprovados por meio de documentos confiáveis, mas nunca contestada, já que não pode ser modificada. Aliás, qualquer mudança comprometeria a ordem e a normalidade da sociedade. O Positivismo trabalha com a ideia de enfatizar a ordem e o consenso e de eliminar os conflitos. Prega, portanto, o princípio da lógica da sociedade capitalista, onde as tensões sociais devem ser corrigidas.

² BASSO, Itacy Salgado. As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História. *Didática*. São Paulo: Unesp, nº 25, 1989, p. 4.

³ A Física Clássica concebe o conhecimento como reflexo do objeto e o sujeito como imparcial. Ocorre no processo de conhecimento uma completa separação entre sujeito (agente do conhecimento) e objeto (fenômeno a ser conhecido).

No que consiste, então, a abordagem positivista da História? Fortemente influenciada pelas leituras do mundo e da sociedade feitas por August Comte e Émile Durkheim, consiste em uma maneira de repassar a coletânea da produção cultural da humanidade, na qual, já estando tudo determinado pelos fatos do passado, ao professor cabe narrá-los para uma plateia de alunos contemplativos. A explicação e o objetivo desse método ficam evidentes nas palavras de Durkheim:

É tarefa do positivismo explicar aos estudantes que os fenômenos psíquicos e sociais são fatos como os outros, como os fatos naturais, são submetidos a leis que a vontade humana não pode perturbar. Como os fatos sociais não dependem da vontade humana, por consequência, as revoluções, no sentido próprio da palavra, são impossíveis quanto os milagres⁴.

Intensamente movida pelo Positivismo, a História passou no século XIX, e por que não dizer, em muitas práticas contemporâneas, a ser regida pelas regras do método pensado por Durkheim para as Ciências Sociais. O teor desse método é exposto por ele no prefácio de *As Regras do Método Sociológico*: “O nosso método não tem nada de revolucionário, pelo contrário, ele é essencialmente conservador, porque considera os fatos sociais como coisas cuja natureza, por mais maleável que seja, não pode ser modificada pela vontade humana”⁵.

Concepção Materialista da História

A concepção materialista vê a História como o conhecimento do processo objetivo do desenvolvimento histórico. Nega assim a concepção que entende o conhecimento como verdade absoluta e acabada. Para os Teóricos dessa corrente, Karl Marx e Friedrich Engels, a história é produto da atividade humana.

Esta concepção da história repousa portanto sobre o seguinte: desenvolver o processo efetivo de produção partindo da produção material da vida imediata e tomar por base de toda história a forma de intercâmbio ligada com este modo de produção e engendrada por ele, logo a sociedade civil em seus diversos estágios⁶.

Para Karl Marx e Friedrich Engels, a História, para o Positivismo, não passa de uma *coleção de fatos mortos*. Não existe nesse processo qualquer

⁴ DURKHEIM, Émile apud LÖWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social*. Elementos para uma análise marxista. 19ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p.45.

⁵ Idem ibidem., p.48.

⁶ BASSO, I. S. *Didática*. p. 4.

possibilidade de reflexão e interpretação por parte dos alunos, e por que não dizer, dos professores formados com suporte nesse referencial teórico.

Diferentemente do pensamento positivista, Marx, mesmo sem se deter exclusivamente numa obra acerca do conceito de História, deixa várias passagens onde sinaliza a concepção materialista. No *Manifesto do Partido Comunista*, encontramos: “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classe. [...] Todos os movimentos históricos têm sido, até hoje, o movimento de minorias ou em proveito de minorias”⁷.

Para ele, a história nada tem de providencial, muito menos é regida por leis que objetivam levar à comprovação da vontade divina. Tudo se dá por leis humanas e humanamente estabelecidas, sejam objetiva ou subjetivamente, e esta elaboração ocorre pelas condições nas quais os homens se encontram: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”⁸.

Como a partir dessa concepção, a História deve ser ensinada?

Com a seleção de conteúdos e de metodologias de ensino que proporcionem ao aluno a possibilidade de fazer uma leitura do mundo, para, compreendendo a sociedade em que vive, possa ter consciência do que deve permanecer; do que pode ser mudado e da sua importância como agente transformador.

Apesar da crítica a expressar que, na concepção marxista, o processo histórico é concebido como dialético, o que o torna complexo e com textos quase indecifráveis para os iniciados, concordamos com Plekanov quando diz:

Penso que o materialismo histórico seja a teoria mais capaz de dar conta da complexidade do processo histórico, pois privilegia a produção material da existência humana e os conflitos em torno da apropriação da riqueza social pelos diferentes grupos sociais. Isto não significa cair no reducionismo economicista, pelo qual todas as dimensões sociais se explicariam, única e exclusivamente, em função do que ocorre na economia. Só porque uma determinada vertente do materialismo histórico procurou reduzir a totalidade social ao binômio forças produtivas/relações de produção, não devemos cometer o equívoco de dissolver aquela totalidade numa série fragmentada

⁷ MARX, Karl; ENGELS, Fridrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ª ed. Lisboa: Edições Avanti, 1997, p. 22-35.

⁸ MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 21.

de dimensões igualmente importantes na explicação do processo histórico, como é comum nos livros didáticos.⁹

2.2 As principais abordagens dos livros didáticos de História utilizados no Brasil

O conhecimento histórico expresso nos livros didáticos da Disciplina se caracteriza por se deter sobre fatos passados, acentuando a atuação de personagens especiais, cujas intenções, propósitos e vontade são propulsores dos eventos históricos, destacados nos cenários das distintas épocas. Há um destaque aos acontecimentos oficiais. A apresentação dos fatos ocorre por meio da sucessão cronológica, disposta linearmente, convergindo para a ideia de evolução e de relações de causa-efeito. Percebe-se uma periodização feita no modelo europeu de dividir a história em Antiguidade, Média, Moderna e Contemporânea, ou ainda comunidade primitiva, escravidão, feudalismo, capitalismo/socialismo, de modo a enfatizar somente a história do mundo ocidental. Nota-se uma desconsideração à história da África ou das sociedades orientais, bem como a perspectiva subjacente de civilizados x primitivos, evoluídos x atrasados, levando-nos a um olhar etnocêntrico das distintas sociedades humanas. É privilégio do mundo ocidental e do etnocentrismo, do europocentrismo, da xenofobia e de preconceitos nacionalistas e genocidas. Prevalece uma representação do passado desconsiderando a história dos grupos minoritários. Existe intensiva influência do historicismo que trata a caminhada da humanidade como em rota linear.

3 Da História decorada à elaboração do conhecimento histórico

Quanto menos se é ensinado, mais se aprende, pois ser ensinado é receber informações e aprender é procurá-las. (Cousinet)

O ensino de História, principalmente na Educação Básica, pode ocorrer em dois caminhos: o primeiro, aquele voltado para uma tendência de se preocupar com abordagens que priorizam *informações históricas*. Este caminho, é claro, leva o professor à escolha de procedimentos que fazem com que a História seja *matéria decorativa*, já que cabe ao professor repassar o seu conhecimento para uma turma que nem sempre o escuta e que será avaliada objetivamente. O aluno é visto, nessa perspectiva, como depósito de informações que lhes chegam de maneira isolada e sem contextualização. Não é difícil que ele se entenda como passivo e não veja que tem um papel fundamental na sociedade, desde que compreenda o seu passado e se veja

⁹ PLEKHANOV. *A concepção materialista da história*. 7ªed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010, p. 31.

capaz de modificar o seu futuro. No caso da Educação Básica, esse jeito de ensinar História produz um grande desinteresse, já que desconsidera toda a experiência e o contexto do aluno.

O outro caminho é aquele ligado à tendência de escolher abordagens que sugiram a análise, a discussão, ou seja, que levem a um processo de construção do conhecimento. Conseqüentemente, todo o processo deve favorecer esta abordagem com a escolha de conteúdos e avaliações que provoquem a criticidade.

Se a escolha é por abordagens crítico-analíticas, o professor se depara, então, com o problema do material didático, instrumento geralmente limitado e concebido numa proposta de ensino de História diferente daquela escolhida por ele. O professor da EJA tem que ter a habilidade de mediar a leitura de textos de maneira que o aluno seja preparado para fazer uma leitura de todo um contexto e filtrar as informações que muitas vezes contradizem a proposta de ensino e desconsideram o saber do aluno.

Acreditamos que ensinar História é um exercício de elaboração ocorrente muito além da leitura de livros didáticos, mas, principalmente, na formulação de uma leitura dos vários contextos e documentos possíveis.

Uma alternativa para o estudo da História é a busca da conexão entre o presente e o passado. Iniciando por uma leitura das estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais atuais, para, então, se buscar uma relação com o passado e o que foi estabelecido por ele.

Defendemos o ensino de uma História de caráter humanista, capaz de impedir a formação de uma óptica apenas utilitarista e profissional.

As novas modalidades de ver o mundo, resultado dos avanços da técnica que, possibilitando o intercâmbio de informações, imagens e mensagens em tempo real, têm exigido dos educadores um esforço de renovação constante a fim de acompanhar o ritmo das mudanças. Vivemos na sociedade do “imediate”, mas não podemos nos render ao efêmero, pois, assim como somos o resultado da cultura já produzida, não podemos perder de vista a ideia de que também somos construtores de nossa história. Com efeito, uma questão é expressa: como o ensino de História pode ser um meio para captando as mensagens do passado, possibilitar a leitura do presente?

Para responder à questão, é necessário assumir a noção de que o ensino de História convive com dificuldades que precisam ser encaradas e superadas. A primeira delas é a aceitação do ensino de História não como uma repetição de uma longa lista de acontecimentos, mas como um

conhecimento que se funda na formação de saberes, constantemente repensados, principalmente na atualidade, onde lentamente percebemos releituras dos contextos com a inclusão das falas de personagens antes ignorados. Outra dificuldade é o trabalho de categorias que exigem dos alunos, principalmente nas séries iniciais, a capacidade de abstração. Sem a capacidade de abstrair fica difícil para o aluno entender os conceitos de tempo e espaço, a fim de fazer as conexões entre passado e presente.

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas.¹⁰

Em razão do que foi posto, como ensinar História?

Espera-se de um professor de História, preocupado em superar as dificuldades do tratamento didático de sua disciplina, que:

- organize o contexto da aula – explique o objetivo do estudo; localize historicamente o conteúdo a ser trabalhado; estabeleça a relação do conteúdo com outras áreas do saber; apresente o roteiro da aula;

- incentive a participação do aluno – não se esqueça de que o trabalho com alunos fora de faixa exige que o professor promova as condições para que este aluno se sinta à vontade para fazer perguntas; aproveite cada resposta dada pelos alunos; ouça as experiências cotidianas dos alunos; e

- trate a matéria de ensino – procure tornar a linguagem acadêmica acessível; clareie conceitos; faça analogias; estabeleça relação entre causa e efeito.

Para que o aluno examine criticamente a sociedade, além de conteúdos que abordem questões do presente considerando as suas experiências cotidianas, é preciso iniciá-los nos procedimentos da produção do conhecimento histórico, incentivando um relacionamento ativo e crítico com o saber e negando o conhecimento como verdade absoluta e acabada.¹¹

Baseado no método dialético para o ensino de História, propomos como procedimentos:

¹⁰ SCHMIDT, M. A.A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2002. p. 57.

¹¹ BASSO, I. S. *Didática*. p. 43.

a) trabalho em grupos – como tática de compartilhar ideias e informações e de favorecer a interação dos alunos, a aprendizagem do respeito ao outro, a convivência, a diversidade, a cooperação, a solidariedade e o fortalecimento do conhecimento;

b) a utilização das distintas linguagens – como a leitura de imagens ou a utilização de jogos. O jogo utilizado pedagogicamente é expresso como uma “nova linguagem” capaz de possibilitar a interação social, o desenvolvimento cognitivo-afetivo; a valorização do esforço como meio necessário no processo de aprendizagem; o estabelecimento de códigos aceitos, respeitados e até defendidos pelos alunos; a valorização da integração e da cooperação; o autoconhecimento, sob o qual o aluno é levado a identificar seus limites e talentos; e o desenvolvimento do aspecto lúdico e da capacidade de abstração. É importante ressaltar que o uso de jogos no ensino de qualquer disciplina e, no caso analisado, no ensino de História, não significa de modo algum a substituição dos conteúdos pela “brincadeira”. Pelo contrário. Se entendemos que o conteúdo é um aspecto importante do processo de formação intelectual do aluno, o educador deve buscar sempre novas maneiras de estudá-lo e mostrar que este estudo nada mais é do que uma possibilidade de proporcionar uma leitura do mundo; e mais, uma leitura do aluno no mundo, onde este se reconheça parte dos diversos contextos. Mesmo na realidade de ensino em que vivemos, em que temos de enfrentar várias dificuldades, resultado do descaso do Estado com a Educação, podemos inserir os jogos em nossas salas de aulas, utilizando os recursos de que dispomos e aguçando a nossa criatividade e a de nossos alunos.

c) use variados recursos: evite que seus procedimentos se tornem obsoletos, ou seja, busque ações pedagógicas atualizadas. Hoje, mesmo nas escolas mais sucateadas, já podemos contar com bem mais do que giz e apagador.

d) priorize a educação dialógica: o professor nesse processo, entende que deve valorizar os diversos pontos de vista; não há dono da verdade; a formulação do conhecimento é superior à opinião individual; os conhecimentos podem ser questionados e melhorados nas trocas de experiências e na valorização de visões de mundo, partilhadas nas relações professor-aluno e professor-professor.

4 Considerações finais

As mudanças que podem ser facilmente percebidas no mundo impedem a cristalização de velhos conceitos como verdades absolutas. Portanto, é inaceitável que a História ensinada na Educação Básica não acrescente nada e seja somente uma repetição de narrativas descontextualizadas com o mundo no qual o aluno está inserido. Nessa perspectiva, o ensino de História deve denotar condição de ampliar conceitos introduzidos nas séries anteriormente cursadas, contribuindo substancialmente para estabelecer laços de identidade ao promover a reflexão sobre a atuação do indivíduo nas suas relações pessoais, na sua participação na coletividade e no seu compromisso como membro de um grupo social, consolidando, assim, uma formação para a cidadania.

Acreditamos que “ensinar História” é um exercício de construção que se dá não só nas análises de textos, estudos de livros didáticos, mas, principalmente, nas trocas de experiências, porquanto se compreende que todo aluno é um ator em potencial e, uma vez se percebendo como tal, pode atuar como construtor de uma história mais perto da vida e menos apegada a concepções fixas de acontecimentos.

Referências Bibliográficas

BASSO, Itacy Salgado. As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História. *Didática*. São Paulo: Unesp, nº 25, 1989, p.1-10.

BRASIL - MEC. Parâmetros em Ação. *Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

_____. Reforma Do Ensino Médio: Área de ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BITTENCOURT, Circe. (org). *O saber histórico na sala de aula*. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

LÖWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social*. Elementos para uma análise marxista. 19ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010. 127p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 148p.

_____. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 242p.

PLEKHANOV. *A concepção materialista da História: da filosofia da história, da concepção materialista da história, o papel do indivíduo na história*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 112p.

PINSKY, Jaime (org). *O Ensino de História e a criação do fato*. 14ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 144p.

SCHMIDT, M. A.A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2002. 89p.

**Profa. Ms. Raphaela Cândido Lacerda*

Mestra em Filosofia e Especialista no Ensino de História.
Professora da Faculdade Católica de Fortaleza e da
Rede Estadual de Ensino do Ceará.

***Lara França da Rocha*

Bacharelanda em Filosofia pela
Faculdade Católica de Fortaleza.